

Escola e identidades étnico-raciais: literatura infantil ¹

Marina Badaró Lannes²
Marcia Aparecida de Souza³

Comunicação e Contos Infantis

As pessoas sempre tiveram necessidade de se comunicar e uma das formas mais antigas de comunicação é a contação de histórias, através dessa prática os mais velhos passam suas experiências aos mais jovens, compartilham ideias e não deixam que suas tradições sejam esquecidas.

[...] a transmissão oral, passada de geração em geração, foi uma das soluções encontradas pelas comunidades que não possuíam a escrita, para informar às gerações mais novas os seus saberes, valores e crenças. Por conseguinte, aqueles saberes considerados imprescindíveis para a sobrevivência individual e grupal. (RAMOS,2011, p.29)

Os contadores de histórias eram pessoas de destaque em diversas comunidades. Essa foi uma prática que perpassou muitas civilizações.

Segundo Pastorello et al (2015), na Idade Média, os contadores de histórias utilizavam-se das crenças em duendes, bruxas, fadas e assim difundiam suas histórias. O real e o imaginário fundiam-se e adultos e crianças tinham a prática de sentarem-se juntos para ouvir os contadores de histórias.

Os primeiros contos infantis surgiram no final do século XIX. Como não havia uma produção literária voltada para o público infantil a opção da época foi traduzir

¹ GT02: População Negra: raça e gênero, políticas públicas e desigualdades

² UFF/INFES. Mestranda em Ensino.

³ UFF/INFES. Mestra em Ensino.

obras estrangeiras direcionadas a adultos e adaptá-las para crianças. Muitos dos famosos contos infantis conhecidos até hoje pelas crianças, inclusive as brasileiras, como Cinderela, Chapeuzinho vermelho, Bela adormecida são de origem europeia.

Na Literatura Brasileira um dos maiores destaques das histórias infantis é Monteiro Lobato, apesar de que sua obra merece “ressalvas em relação à forma estereotipada e preconceituosa com que se refere às personagens de origem negra.” (MARIOSIA e REIS, 2011, p. 43). De acordo com Silva (2010), por estas questões o autor Monteiro Lobato ficou durante um período apartado da Literatura Infantil, depois reaparece com uma roupagem um pouco diferente.

Segundo Jovino (2006) apesar do predomínio de protagonistas brancos, por volta dos anos 30 do século XX, apareceram os primeiros personagens negros. Entretanto as histórias daquele período retratavam aspectos negativos, esses personagens apareciam como inferiores, ignorantes, escravos e subalternos. Nas histórias os personagens negros e negras apareciam nas histórias de forma inferior e estereotipada, sempre como malandros, preguiçosos, feios.

Atualmente os textos infanto-juvenis vem rompendo com as representações que inferiorizam os negros. Obras mais recentes mostram negros fortes que procuram resgatar sua identidade, que enfrentam preconceitos e valorizam suas tradições

Há também os livros que retomam traços e símbolos da cultura afrobrasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma auto-estima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravização. (JOVINO, 2006, p. 216)

Encontra-se com relativa facilidade uma gama de histórias infantis relacionadas a literatura afro-brasileira. E são diversas as temáticas, cabe então aos docentes boa vontade para realizar o trabalho voltado para essa direção, direcionado

a abordar temáticas relacionadas a discriminação e ao preconceito racial.

E mesmo trabalhando com histórias infantis com protagonistas negros, o docente precisa ter cuidado e sabedoria para selecioná-las de acordo com seus objetivos, pois também nessas histórias pode-se observar marcas do mito da democracia racial, da tese do branqueamento e até mesmo do histórico de preconceito e discriminação que ainda se faz presente no Brasil

Como por exemplo no livro de história infantil ‘Que cor e a minha cor?’, de Martha Rodrigues (2006). Conta a história de uma menina negra que questiona sua cor e a compara a folha da amendoeira, a madeira de sua cama, ao marrom escuro. Evidencia a tese do branqueamento e, ao remontar a formação do povo brasileiro, prioriza o elemento branco. Uma das páginas do livro apresenta um quadro na parede com um negro, um nativo e vários representantes brancos, deixando aparente ideia de maior contribuição do branco na formação da população do país. Esse livro de história infantil cita europeus de diferentes nacionalidades, italianos, portugueses, holandeses, “mas ao se referir aos índios ou aos africanos, a diversidade de povos que compõe cada um desses grupos não é mencionada. Não menciona nenhum dos variados países africanos, nem os inúmeros povos indígenas”. (FREITAS, 2014 p.130)

O livro infantil ‘O menino marrom’, do autor Ziraldo (1986), é um exemplo de branqueamento, mostra um menino que não entende porque as pessoas o chamam de preto sendo que ele é marrom. Essa ideia é defendida até o final da obra, quando ele conclui que sua cor é uma mistura cores.

Já a obra ‘Bonequinha Preta’, publicada em 1938, por Aláide Lisboa de Oliveira, conta a história de uma menina chamada Mariazinha que tinha uma boneca preta, como carvão. A menina gosta muito da boneca e tem afeição e cuidado com ela. Porém certa vez precisou ausentar-se e ordenou que a boneca ficasse quietinha, a boneca desobedeceu caiu da janela na rua e devido a esse incidente passou por alguns apuros. No final da história Mariazinha encontra a boneca e a perdoa por ter

desobedecido. Nessa história, apesar da boneca negra ser também protagonista, fica claro que há uma relação senhora-servo. E a característica negativa e dada a boneca preta que é vista como desobediente evidenciando que essa deveria ser submissa e acatar as ordens da boazinha senhora.

Em contrapartida, na obra ‘Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar’ (2007), Neusa Baptista Pinto conta a história de três meninas negras que eram discriminadas na escola por causa de seus cabelos crespos. E a princípio uma delas chegou a acreditar que seus cabelos eram mesmo feios, a outra entendia que precisava de usar química e a outra pensava que era só deixar presos para não ficarem volumosos.

Chega a um ponto que as meninas observam que os cabelos lisos e que sempre eram valorizados e resolvem reescrever essa página da história. As garotas passam então a se encontrar após as aulas para fazerem penteados diversos e cuidarem dos cabelos. Então notam a beleza de seus cabelos crespos. Entendem que não precisavam mudar os cabelos e sim a forma de vê-los. As meninas acabam por aceitar seus cabelos e assumirem uma característica de suas identidades.

Outra história infantil espetacular com uma ampla abordagem sobre a África e apresentada na obra Núbia, rumo ao Egito (2009), de autoria de Maria Aparecida Silva Bento que mostra vários aspectos da cultura da África e afro brasileira. A protagonista é uma menina negra de 10 anos que participa da competição cultural Olimpíada da Cidadania em sua escola, que é uma entre diversas. O tema do evento é ‘A África e os descendentes africanos no Brasil’ e o prêmio é uma viagem ao Egito! O livro proporciona ao leitor uma divertida e interessante aventura e amplia o conhecimento sobre a África.

Segundo Silva (2012, p.), a obra trata de “questões relacionadas à identidade, autoestima, cultura e valorização da população negra”, conhecimento necessário aos discentes brasileiros e que pode de fato contribuir para valorização da cultura

africana e afro-brasileira, tão pouco explorada.

A obra *Dandara, Seus Cachos e Caracóis*, de Carla Pilla e Maira Suertegaray (2015), apresenta uma menina negra, Dandara, que tem cabelos com lindos cachos e caracóis, mas queria que seus cabelos fossem lisos, como os das princesas que aparecem nos contos de fada que conhece. No decorrer da narrativa é contada a história da família da menina, de seus avós e antepassados. Valoriza os cabelos crespos e os apresenta como uma herança da ancestralidade. O livro é um convite ao conhecimento da própria história da criança negra. Aborda também a questão do respeito aos diferentes jeitos de ser e importância da diversidade.

O mundo no *black power* de Tayó, de Kiusam de Oliveira (2013), também apresenta uma menina negra com elevada autoestima, se orgulha de seus cabelos crespos e faz diversos penteados em seu *black power*, enfeitando-o das mais diversas formas. A garota enfrenta os comentários de seus colegas de turma, quando dizem que seu cabelo é ruim ela diz que estão é com dor de cotovelo porque não podem carregar o mundo nos cabelos, como ela. Defende que seus cabelos são fofos e cheirosos. A narrativa mostra uma menina bem resolvida, que se aceita e entende que seu *black power* demonstra a riqueza cultural de um povo.

Uma forma eficiente de formação de autoimagem positiva é levar meninas e meninos negros e negros a se verem representados na literatura. Favorece as crianças lidarem melhor com o racismo e eleva sua autoestima a partir de referenciais positivos diferentes do que normalmente veem e ouvem a respeito de seus antepassados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que por influência dos movimentos negros e consequentemente da lei 10.639/2003, com o fortalecimento da inserção de questões relacionadas aos

negros no currículo escolar, houve um incentivo a produção acadêmica o que resultou em mais autores se aproximarem dessa temática.

E acabou por culminar no surgimento de narrativas que abordam a identidade e a história e cultura afro-brasileira. Produções, que refletem também na literatura infantil e vem aparecendo de forma mais contundente evidenciando uma alteração no paradigma dos personagens infantis, que passam a oferecer histórias com protagonistas negras e negros, quebrando o padrão estético já tão difundido, que priorizava apenas o perfil branco, eurocêntrico.

O resgate da cultura africana e afro-brasileira com a representação valorizada do negro, a desconstrução de estereótipos e a representação da África em contexto diferente do paradigma já tão apresentado de sofrimento e precariedade são modelos de uma metodologia que se apoia em desmistificar a história e cultura africanas apresentadas em diversas literaturas. E o trabalho com os livros de literatura infantil que abordam essa temática de forma positiva, certamente são materiais essenciais de apoio pedagógico.

Referências:

FREITAS, Daniela Amaral da Silva. *Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da PBH: um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais?* / Daniela Amaral Silva Freitas. –Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2014. 280f

JOVINO, Ione da Silva. *Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil*. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006

MARIOSIA, Gilmaria Santos; DOS REIS, Maria da Glória. *A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças*. *Estação Literária*, v.8, n.1, p.42-53, 2011.

PASTORELLO, Mariana Carbonero; ANGELO, Aline Aparecida; TORRES, Simone Pádua. A importância da “Contaçãõ” de histórias para o processo de alfabetização e na formação de leitores. *Revista Mediação*. Vol. 6 fevereiro-julho/2015.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

RAMOS, Ana Cláudia. *Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?* Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

SILVA, Jerusa Paulino da. *A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva.* 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.